

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO DE ENSINO
E AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS DE APRENDIZAGEM

SOLANGE MARIA SILVA GÓIS

FORTALEZA-CEARÁ
2003

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS DE APRENDIZAGEM

SOLANGE MARIA SILVA GÓIS

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Planejamento de Ensino e Avaliação de Aprendizagem como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista pela Universidade Federal do Ceará.

FORTALEZA-2003

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Planejamento de Ensino e Avaliação de Aprendizagem pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Solange Maria Silva Góis

Monografia aprovada em: ____/____/____

Prof^ª Dra. Gláucia Maria de Menezes Ferreira
(Orientadora)

*“O sujeito não é sujeito até que conheça.
É sujeito porque conhece, e é sujeito a
esse conhecimento...permitir à criança
apropriar-se de um conhecimento é
permitir-lhe fortificar seu ego, na medida
em que ela pode se constituir em uma
personalidade mais segura, mais
dominante e mais responsável.”*

(SARA PAIN)

Às duas pessoas mais importantes de minha vida e meus maiores incentivadores: minha Mãe (pai e mãe) Lourdes que foi minha primeira educadora-incentivadora e que sempre me fortalece com sua garra e a meu esposo Reginaldo que com seu amor e paciência é presença constante ao meu lado, me encorajando a ir ao encontro de meus ideais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, maior responsável pela execução desta obra, que me sustenta e capacita a não desistir de defender aquilo que eu acredito, mesmo sabendo que ainda sei bem pouco, porém com Ele posso ser bem mais;

A todos os alunos que tenho a oportunidade de conviver, que são minha fonte inspiradora e razão primordial pela qual estudo e acredito na educação;

A minha Orientadora Prof^a. Gláucia Ferreira, que por muitas vezes foi bastante incisiva comigo em suas correções, e assim sendo me fez entender que eu tinha capacidade para realizar este trabalho;

Enfim, a todos que cruzaram o meu caminho e torceram para que eu chegasse até aqui.

SUMÁRIO

Introdução	8
1 Bases da Organização Interna do Indivíduo	11
1.1 Personalidade e Aprendizagem	11
1.2 Temperatura e sua Influência no Comportamento Humano	13
1.3 Inteligência e sua Participação na Aprendizagem	14
1.4 Motivação: um diferencial na vida humana	16
2 Estilos de Aprendizagem	19
2.1 Conceituando e Compreendendo os Estilos de Aprendizagem	19
2.2 Estilo de Ensino: faz a diferença ou não?	22
3 Estratégias de Ensino Respeitando os Estilos de Aprendizagem do Aluno	24
3.1 Ensino Direcionado para Suprir as Necessidades Individuais do Aluno	24
3.2 Planejar: Percepção das Necessidades Individuais	26
3.3 Aprendizado Escolar Contextualizado: uma estratégia valerosa	27
Conclusão	29
Bibliografia	30

RESUMO

O principal propósito desta pesquisa foi despertar nos profissionais da educação um olhar mais carinhoso e atencioso para as necessidades e dificuldades de cada ser humano que cruzar o seu caminho, buscando instigar a sua cognição, através do respeito de suas peculiaridades. Considerando a relevância deste assunto procurou-se discutir a organização interna do indivíduo, como forma de reconhecer como ele se percebe no mundo. Os estilos de aprendizagem foram abordados como formas intrínsecas de aprendizagem e as estratégias de ensino de modo que possam respeitar os estilos de aprendizagem do aluno, para que o aprender seja significativo. O referencial teórico selecionado foi dividido em três capítulos: o primeiro refere-se às bases da organização interna do indivíduo, considerando a personalidade, o temperamento, motivação e a inteligência; o segundo aborda o conceito de estilos de aprendizagem e as influências dos estilos de ensino neste contexto; o terceiro é dedicado às estratégias de ensino e formas de planejamento que respeitem os estilos de aprendizagem dos alunos. A forma de investigação utilizada foi do tipo “pesquisa bibliográfica” onde pôde-se através da leitura de alguns livros perceber fatos importantes sobre o assunto abordado. Diante de tudo que foi abordado, é possível concluir que: o funcionamento interno de cada indivíduo exerce papel relevante na construção de seu aprendizado e também na sua forma de socialização; os estilos de aprendizagem aparecem como forma de marcar a unicidade do ser humano, o que faz com que cada um aprenda de um jeito; a preocupação em adequar o ensino às necessidades intrínsecas do aluno proporciona um diferencial valioso no processo ensino-aprendizagem; a responsabilidade que os profissionais da educação devem assumir para ajudar o aprendiz a se perceber de forma mais humana e menos técnica, capaz de conseguir que seu aprendizado seja significativo.

Introdução

A expressão “cada um aprende de um jeito” levanta questionamentos importantes no que diz respeito ao processo ensino–aprendizagem vivenciado nas escolas. Os seres humanos são únicos e por isso diferentes uns dos outros, mesmo quando almejam a mesma coisa têm uma idéia própria de como utilizarão tal recurso. Cada ser tem a sua marca e por isso a sua própria história biológica, familiar, social, cultural...

Diante desta realidade vivenciada compreende-se que o aprendizado não se dá de forma simples ou igualitária, pois cada um assimila os conhecimentos de acordo com a organização interna.

Ninguém aprende igual, porém todos são submetidos ao mesmo comando formal na escola e aqueles que não conseguem adquirir o domínio da informação são considerados como “diferentes” e que por isso apresentam dificuldades de aprendizagem. Posteriormente devem ser encaminhados para algum profissional para que descubra os porquês de tal deficiência. Afinal, quase todos aprenderam menos aqueles, o que poderia ter acontecido?

O fazer pedagógico torna-se “ingênuo” se não considera a individualidade e nem tampouco os conteúdos já trazidos pelos alunos como fontes importantes na construção do saber e que todos (sem exceção) têm condição de aprender. Ao educar constantemente professores se deparam com alunos mais competitivos outros mais colaborativos, alunos mais atenciosos outros mais dispersos, alunos mais rápidos outros mais lentos, e assim sucessivamente.

Questiona-se, portanto: Como funciona a organização interna de cada indivíduo? Como a individualidade humana influencia no aprendizado?

Quais as estratégias de ensino que possam respeitar os estilos de aprendizagem dos alunos?

A sociedade contemporânea se desenvolve muito rapidamente e por isso não tem tempo para aqueles que não conseguem realizar seus objetivos e nem mesmo cumprir suas metas. Vive-se na época “digital”, onde tudo se processa numa velocidade voraz e quem não responde a esses comandos, provavelmente, não conseguirá se inserir na roda viva.

Diante da realidade, percebe-se que a singularidade do ser humano não permite que todos respondam aos desafios da mesma maneira. Certamente uns vão se sentir motivados diante do estímulo recebido outros vão se perceber incapazes e sem perspectiva de alcançar o conhecimento proposto.

Preocupando-se com tudo que pode representar a realidade dos diversos estilos de aprendizagem dos alunos, esta pesquisa bibliográfica objetiva despertar nos profissionais da educação um olhar mais carinhoso e atencioso para as necessidades e dificuldades de cada ser humano que cruzar o seu caminho, buscando instigar a sua cognição, através do respeito de sua peculiaridades.

Reconhecendo a relevância do tema, pontua-se que o mesmo precisa ser amplamente abordado e estritamente cuidado e abandonando-se assim a postura do “eu disse a informação para todos, porque alguns entenderam e outros não?” .

Neste trabalho monográfico serão discutidos os estilos de aprendizagem ou seja, as diferenças individuais na aprendizagem.

O foco da discussão é a organização interna do indivíduo, como forma de reconhecer como ele se percebe no mundo. Os estilos de aprender

serão abordados como formas intrínsecas de aprendizagem; e as estratégias de ensino de modo que possam respeitar os estilos de aprendizagem do aluno, para que o aprender seja significativo.

O referencial teórico utilizado foi dividido em três capítulos:

- o primeiro refere-se às bases da organização interna do indivíduo, considerando a personalidade, o temperamento, a motivação e a inteligência;
- o segundo aborda o conceito de estilos de aprendizagem e as influências dos estilos de ensino neste contexto;
- o terceiro é dedicado às estratégias de ensino e formas de planejamento que respeitem os estilos de aprendizagem dos alunos.

1 Bases da Organização Interna do Indivíduo

1.1 Personalidade e Aprendizagem

Para iniciar a discussão sobre as bases da organização do indivíduo é bom que se defina o que é personalidade:

Fierro (1996, p.154) afirma que:

“Na realidade, por ‘personalidade’ há de entender-se um conjunto ou sistema muito mais amplo, no qual desde logo, entram as características diferenciais, mas também outros processos do sujeito, e no qual, não menos certo, hão de incluir-se também as características de aptidões ou de capacidade, habitualmente agrupadas sob o rótulo de inteligência. Por personalidade, portanto, entende-se um conjunto de fenômenos, processos e sistemas de diferente natureza, ainda que relacionados entre si e que se polarizam ao redor dos seguintes focos: as diferenças individuais, que se manifestam de modo distinto, específico e diferenciado, com que as pessoas reagem diante de situações iguais ou semelhantes.”

Considerando as diferenças individuais como fator que determina a organização interna de cada um, percebe-se as características intrínsecas que possuem irão representar desde seus comportamentos até suas colocações e opiniões. Serão sempre maneiras diferenciadas de ver e perceber tudo aquilo que os cerca.

O ser humano forma o autoconceito de acordo com o juízo que faz de sua própria pessoa, e por isso vai formando sua auto-estima, que nada mais é que sua percepção diante do mundo, porque nesta auto-representação é incorporado as suas atitudes e características particulares, é aquilo que identifica-se como marca pessoal e cada ser possui a sua única e diferenciada.

Percebe-se que a maneira como o indivíduo se percebe no mundo o diferencia também uns dos outros, pois se a pessoa possui uma autoimagem bem elaborada sua auto-estima deve ser elevada e esta pessoa possui dentro de sua organização interna maior viabilidade de alcançar seus objetivos e metas, e vice-versa se a percepção for negativa provavelmente terá seu poder de realização abalado pela falta de credibilidade em seu potencial.

O autoconceito, é algo que se aprende e se diferencia de acordo com o ambiente em que a pessoa está inserida, inclusive suas expectativas de conquista e tudo aquilo que se sente capaz de realizar, não se nasce com alta ou baixa auto-estima, mas aprende-se a se viver uma outra situação. Depara-se agora com algo que temos o dever de assumir como socialmente construído, ou seja, vão se assimilando com as vivências e de acordo com os estímulos recebidos, que vão desde os entes mais ligados em nossa família até os amigos e professores com quem convivemos e nestas relações vamos nos organizando e nos formalizando como pessoa, ratificando que cada um a sua maneira, porém todos construídos nas relações uns com os outros.

Conforme afirma Fierro (1996, p. 160):

“Personalidade e aprendizagem, em suma, relacionam-se em dobro e em direção recíproca. Por um lado, a personalidade se aprende, e se aprende, principalmente em contextos de interação pessoal. Por outro, as características da pessoa contribuem para determinar as aprendizagens.”

Compreendendo que a forma como as pessoas se relacionam com o mundo e com elas mesmas vai influenciar a sua forma de aprender, percebe-se que o aprendizado é algo bem mais complexo do que o que imaginam muitas escolas, que ainda “inocentes” acreditam que todos ali presentes na sala de aula estão captando as informações “igualmente”, ou seja todo o conteúdo repassado está sendo assimilado pelos alunos “presentes” naquele ambiente prioritariamente educacional.

Há que se criar um novo olhar sobre o individual, aquilo que é único, para que se possa respeitar e compreender melhor o processo interno de

aprendizagem. Não se trata de querer “inventar” uma forma especial para cada ser humano, basta que se aprenda a respeitá-los em sua maneira de aprender e incentive-os a não desistir jamais, afinal a marca pessoal de cada ser humano, sua personalidade, nunca poderá ser copiada ou igualada a de outro semelhante.

1.2 Temperamento e sua Influência no Comportamento Humano

O comportamento do ser humano é identificado por características que demonstram através de suas ações e reações que tipo de pessoa é e como interage com as outras pessoas do grupo que está inserida, o que pode indicar traços da personalidade bem como o temperamento que o ser possui.

O temperamento de cada ser existe como uma marca que o indivíduo possui (com qualidades como tendência a buscar ou evitar novas experiências novas) que inclui atributos psicológicos que expressam sentimentos e sensações como: sensibilidade e estimulação frente a desafios; força, velocidade e magnitude de respostas (guardar rancor/mágoas) demonstrando o universo peculiar de quem o sente, bem como a qualidade prevalente do humor, ou seja são registros internos que podem marcar a reação e explicá-las à medida que se percebe a unicidade do ser, por isso o estilo cognitivo merece destaque nesta forma de compreensão. Cada ser tem um “tom” particular de comportamento que o torna diferente dos outros, neste sentido nem mais, nem menos, apenas diferente.

Apesar de ocorrerem colocações poucos esclarecedoras entre temperamento e personalidade, Bee (1996) diz que o temperamento, portanto, não determina inevitavelmente a personalidade. Ou seja o temperamento e suas variações temperamentais parecem como elementos presentes na formação da personalidade e não como fator determinante. Podem até tendenciar, porém não determinam.

O temperamento influencia na forma das pessoas se relacionarem umas com as outras, bem como na forma delas se perceberem no mundo, pois

trata-se de um estilo inato de resposta ao ambiente e neste contexto ratifica-se as suas reações a pessoas e objetos, que no caso aqui percebe-se o seu comportamento e consecutivamente a sua forma de aprendizagem.

Considerar o temperamento e sua relevância no comportamento humano faz com que se adquira uma visão mais coerente dos fatos que ocorrem no desenvolvimento do ser, uma vez que os reflexos do mesmo podem ser vistos desde o processo de socialização até a forma com que o aprendiz faz suas representações na busca de obter o aprendizado.

1.3 Inteligência e sua participação na aprendizagem

Tradicionalmente, a inteligência era considerada uma capacidade geral, encontrada em graus variáveis em todos os indivíduos, e especialmente crítica para um desempenho bem sucedido na escola. Desde o tempo de Platão esta visão unitária da mente tem sido uma influência dominante no pensamento ocidental. Em anos recentes, todavia, foi desenvolvida uma visão alternativa, sugerindo que a mente está organizada em domínios de funcionamento relativamente independentes (Gardner, 1983, p.106).

Hodiernamente, compreende-se a inteligência como a variedade de capacidades para integrar informações originadas de diversas fontes e diante delas, planejar respostas, para isso faz-se necessário o uso do pensamento, com suas representações simbólicas, a aquisição do conhecimento, que ocorre com a apropriação da informação e por fim o raciocínio que é a elaboração das informações para um tipo de objetivo, ou seja a inteligência deixa de ser avaliada como uma estrutura estática e passa a ser vista como algo que pode ser construído e utilizado de acordo com o objetivo a ser alcançado.

A teoria das inteligências múltiplas, surge para que se expanda o conceito tradicional de inteligência. Nela uma inteligência implica na capacidade de solucionar problemas ou na criação de novos materiais que

possam ser importantes em um determinado ambiente ou comunidade cultural. Sendo assim, o ser humano que possui capacidade de resolver problemas e consegue abordar situações em que um objetivo deva ser atingido buscando a melhor maneira para alcançá-lo, é visto como possuidor de inteligência.

O ambiente cultural e as influências biológicas são fatores determinantes na formação dessas inteligências múltiplas, afinal é preciso que se tenha algo capaz de “ativá-las” para que elas possam se formar. São capacidades, habilidades, que certamente não funcionam isoladamente mas combinadas umas com as outras, de acordo com as aptidões mais preponderantes de cada ser, percebe-se uma qualidade, uma inteligência.

A teoria de Howard Gardner de inteligências múltiplas sugere que há sete diferentes categorias de capacidades humanas. São elas:

- Inteligência Lógico-matemática é caracterizada pela sensibilidade a, e a capacidade de discernir, padrões lógicos ou numéricos; capacidade de manejar longas cadeias de raciocínio. Exemplos de ocupação: cientistas, matemáticos.
- Inteligência Lingüística é caracterizada pela sensibilidade a sons, ritmos e significados de palavras; sensibilidade às diferentes funções da linguagem. Exemplos de ocupação: poetas, jornalistas.
- Inteligência Musical é caracterizada pela capacidade de produzir e apreciar ritmo, tom e timbre; apreciação das formas de expressividade musical. Exemplos de ocupação: compositores, violinistas.
- Inteligência Espacial é caracterizada pelas capacidades de perceber o mundo visuoespacial corretamente e realizar transformações nas suas percepções iniciais. Exemplos de ocupação: navegadores, escultores.

- Inteligência Corporal-cinestésica é caracterizada pela capacidade de controlar os movimentos do corpo e de manejar objetos com habilidade. Exemplos de ocupação: dançarinos, atletas.
- Inteligência Interpessoal é caracterizada pelas capacidades de discernir e responder adequadamente aos humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. Exemplos de ocupação: terapeutas, vendedores.
- Inteligência Intrapessoal é caracterizada pelo acesso aos próprios sentimentos e à capacidade de discriminar entre eles e recorrer a eles para orientar o comportamento; conhecimento de suas próprias forças, fraquezas, desejos e inteligência. Pessoa com autoconhecimento detalhado, preciso.

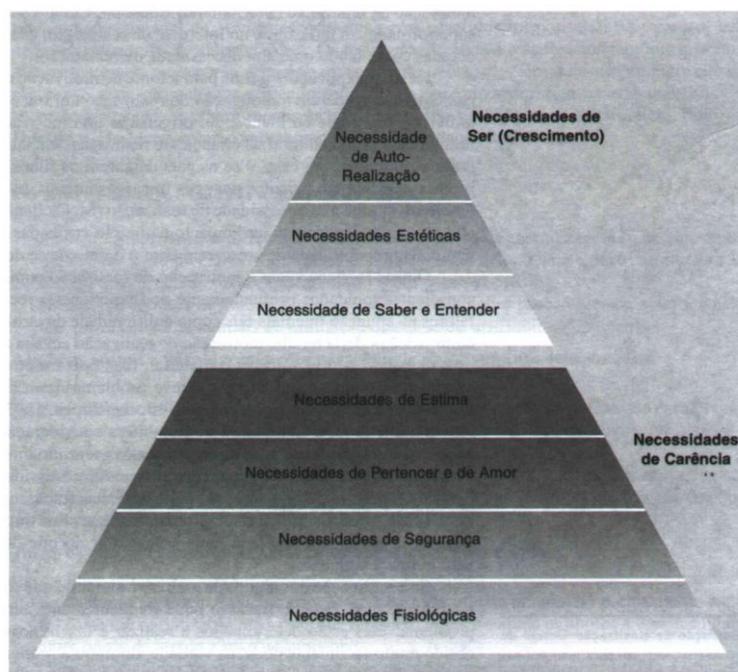
Os seres humanos possuem diversas maneiras de resolver seus problemas e por isso demonstram que possuem inúmeras capacidades na realização destes fatos, nesta teoria a inteligência aparece como uma combinação das faculdades humanas, que de acordo com o papel que o ser desempenhe no grupo que está inserido elas podem se transformar numa coleção de aptidões, afinal diante da complexidade humana não pode-se conter com uma única aptidão (Woolfolk, 2002).

1.4 Motivação: um diferencial na vida humana

Para que se consiga reconhecer a motivação como fator relevante do comportamento humano, faz-se necessário conceitua-la. Woolfolk (2000, p. 326) diz que: “é um estado interior que estimula, direciona e mantém o comportamento”. Sendo assim pode-se dizer que o indivíduo que é motivado sente-se constantemente ligado a tomada de atitudes, uma vez que consegue mover-se com bastante energia em direção ao alcance de seus objetivos. Isto porque sua determinação vem do desejo de alcançar suas metas que pode ser uma recompensa pessoal ou simplesmente para evitar uma punição.

Quando se cria um objetivo específico a ser alcançado o índice de motivação costuma ser intenso e determinante, levando o ser a se esforçar na realização (almejando o sucesso, é claro!) do mesmo. Por isso, diz-se que de acordo com seus anseios e necessidades, oscilam suas atitudes.

Uma forte mudança de postura ocorreu para a Psicologia em geral e para a Psicologia da Motivação em particular, quando Abraham Maslow sugeriu que o ser humano possui uma hierarquia de necessidades (conhecida como hierarquia de Maslow), que vai desde a necessidade de sobrevivência até a auto-realização do indivíduo, que pode ser também considerada como realização do potencial pessoal.



Fonte: Woolfolk, 2000, p. 335

Diante da pirâmide feita, segundo a teoria de Maslow (1970) percebe-se que existem as necessidades de carência (que ficam na base hierárquica), podendo também reconhecê-las como da própria existência, que são: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades de pertencer e de amor e necessidades de estima. Há no topo hierárquico as necessidades do ser, que são as do crescimento humano: necessidade de

saber e entender, necessidades estéticas e necessidade de auto-realização. Percebe-se que a diferença relevante entre a motivação para satisfazer estas necessidades é que enquanto as necessidades de carência podem ser satisfeitas por completo, as necessidades de ser nunca serão plenamente saciadas, haverá sempre o desejo incessante da busca e por isso a motivação para realiza-las é infinitamente renovada.

É inerente ao ser humano o desejo de sentir-se aceito, competente, efetivo, e assim sendo à medida que realiza tarefas que lhe dá senso de realização, vai se sentindo motivado e por isso mais disposto à realização de seus objetivos. As pessoas responderão sempre mais e melhor àquelas situações em que se sentem mais seguras, ninguém gosta de fracassar e para alguns esta sensação é esmagadora.

2 Estilos de Aprendizagem

2.1 Conceituando e compreendendo os estilos de aprendizagem

Estilos de aprendizagem são abordagens características de um indivíduo à aprendizagem e ao estudo, geralmente envolvendo processamento de informação profundo versus superficial (Woolfolk, 2000, p. 126). Com isso, verifica-se que as pessoas que se dispõem às atividades de aprendizagem de maneira a não perceber somente o que é claramente perceptível, porém se interessa pelo o que pode está implícito, mantém uma relação de processamento profundo no aprendizado e estes aprendem por amor ao que estão conhecendo, sem se dá conta de como estarão sendo avaliados. Em contrapartida aos que mantém um processamento superficial com os materiais de aprendizagem, que são os que se detém apenas em memoriza-los, desmerecendo a sua compreensão e levando em conta somente “o prêmio” que conseguirão, bem como o reconhecimento alheio.

Percebe-se a necessidade de priorizar o aprendizado das diferenças individuais como forma até de sobrevivência, afinal não se trata só de educação e sim de vida. É a característica que denota a maneira pessoal e por isso diferente de cada um ser, é disto que é feito o estilo. E por isso pode-se reiterar com a colocação: “Um estilo pode ser um modo próprio, único de escrever, de falar, de se posicionar. Nesse caso, o estilo será a marca de um sujeito em sua singular maneira de enfrentar a impossibilidade de ser.” (Kupfer, 1999, p. 72).

À medida que se tenta teorizar sobre a forma peculiar de que cada ser humano constrói seu aprendizado, pode-se deparar com terminologias pré-determinadas que acabam enquadrando os aprendizes em “cadeias” de títulos

atribuídos somente à desenvoltura dos mesmos, ou seja, delega-se a eles as responsabilidades e as dores de ser um aluno que tem os tão incômodos problemas de aprendizagem. E acaba-se por indicá-los aos “tratamentos” que possam fazer com que os mesmos se desvencilhem de tal situação e tenham uma vida mais “feliz”. E onde ficam as nossas responsabilidades neste contexto? Muitas vezes o professor se exime da culpa e se coloca na posição de solucionador dos casos de fracassos escolar já instaurados.

A busca da explicação para o fracasso escolar não elimina o fracassado. Ou seja, será necessário criar instrumentos para trabalhar com o aluno ou, para ser mais preciso, um sujeito, que está capturado por essas redes que são sociais e que se revelam especialmente na escola.

Kupfer (1999, p. 75), em seu artigo “Problemas de Aprendizagem ou estilos cognitivos? Um ponto de vista da psicanálise”, aborda, dentre outros pontos, o significado de estilos em psicanálise, referindo-se aos posicionamentos de Lacan que afirma o seguinte:

“qualquer retorno a Freud que ofereça material para um ensino digno de assim ser chamado só poderá realizar-se pela via em que a verdade mais escondida se manifesta nas revoluções da cultura. Esse caminho é a única formação que podemos transmitir a nossos sucessores. Ela se chama: um estilo”.

À medida que é percebido o estilo que o professor se relaciona com o objeto de seu conhecimento, o aprendiz pode absorvê-lo na perspectiva de formar o seu estilo cognitivo, ou seja, é nesta relação simbiótica que os estilos se diferenciam e ao mesmo tempo se formam e se complementam, por isso é fundamental o respeito mútuo.

Segundo Kupfer (1999, p.75):

“Um estilo cognitivo passa a ser a peculiar relação de um sujeito com um particular objeto, o conhecimento. Tal relação trará as marcas de seu estilo como sujeito na relação com o Outro. Tal estilo se constituirá nos sucessivos encontros com os objetos de

conhecimento, moldando os próprios objetos e determinando, no mesmo processo, os padrões de relação com os outros encarregados de apresentar esse objetos, ou seja, seus mestres.”

Diante destes posicionamentos e formulações se reitera a importância do respeito a cultura da individualidade na formação do conhecimento e que o fato de que cada um possui uma maneira diferente de aprender não o extingue do aprendizado formal, bem como o isenta de ratificar onde quer que esteja que sua capacidade é única e por isso uma realidade individual.

“A interpretação do discurso não pode ser feita sem levar em conta o nível da realidade, pois a realidade é a prova; sem levar em conta a leitura inteligente dessa realidade que lhe dá coerência; sem levar em conta a dimensão do desejo, que é a sua aposta; sem levar em conta sua modalidade simbólica, que lhe dará sua paixão.” (Paín apud Fernadez, 1990, p. 233).

Para se estruturar uma análise mais compreensiva, é indispensável levar em consideração o contexto em que está inserido o sujeito da aprendizagem e tudo aquilo que o cerca, como forma de avaliar se serve de estímulo para que haja o aprendizado ou de entrave para este mesmo processo, despertando de forma coerente uma percepção mais real da situação analisada. Com isso abandona-se a superficialidade, lançando-se numa busca mais aprofundada e por isso com caráter científico mais notório.

“É possível que o sujeito da aprendizagem guarde um estilo, como os antigos guardavam seus documentos onde estavam registradas suas leis. Não serão os estilos de aprendizagens as leis que regem o aprendiz? Possivelmente algumas crianças deverão aprender a submeter-se às leis do grupo dos escolares para poder participar enquanto alunos do seu grupo. O que se busca no trabalho de intervenção é ajudar o escolar a descobrir seu estilo próprio de lidar com o conhecimento e, quando possível, provoca-lo no sentido de que possa lidar melhor com ele e que possa também se submeter às leis que regem o sistema de ensino que ele de insere” (Rubstein, 2002, p. 97-98)

Considerando a abordagem de que cada um “guarda” um estilo que o identifica no grupo, como sendo o seu “tesouro”, levanta-se posicionamentos de que com isso não se quer restringir o ser humano às suas “castas”, mas sim

identificá-los como seres que não vivem isoladamente, mas que com suas características e capacidades únicas precisam aprender a aprender com a realidade que eles estão inseridos.

2.2 Estilo de ensino: faz a diferença ou não?

Montero (1996 p. 263), afirma que:

“O que se pretende é que cada professor possa utilizar o conhecimento procedente da pesquisa sobre o ensino eficaz para construir sua própria perspectiva sobre o ensino, mediante a seleção e reacomodação de estratégias instrutivas que se adaptem a sua situação prática.”

Com isso percebe-se que não existe ou não deve existir uma “fórmula mágica” de ensino que seja a mais eficaz para que ocorra o aprendizado, vale reconhecer as necessidades do grupo em que se está inserido o trabalho prático do profissional para que este reconheça o melhor estilo. É fundamental que a sua ação venha precedida do seu pensar educativo, um olhar de reflexão que possa conduzi-lo a inteirar-se com os seus alunos e os objetivos e metas que os mesmos desejam atingir. Reconhecendo quais são as principais necessidades dos protagonistas do ensino(os alunos) e reavaliando suas formas de repassar o conhecimento, estes mestres estarão considerando um estilo inovador e funcional de se posicionar com interesse no êxito do processo ensino-aprendizagem.

Reafirma-se que mesmo sem modelo pré-estabelecido de como deva ser o estilo do profissional que “colabora” para o aprendizado, ressalta-se que tornar o ambiente das salas de aula em algo motivador e por isso com caráter produtivo, pode ser a “esperança” de que o que esteja sendo repassado possa ser realmente razão de profundo interesse coletivo, surgindo assim uma aprendizagem significativa e relevante. Deve-se então colocar o aluno no centro do processo de aprendizagem, para isso o profissional precisa instigar nos seus aprendizes a necessidade da busca, ou seja, a importância de ele contribuir com este processo ativamente.

“A importância de que o professor identifique as aptidões e habilidades do aluno ou a possibilidade de diversificar os objetivos e tratamentos educativos, em função das características dos alunos, estão longe de ser questões novas” (Coll e Miras, 1996, p. 360).

Identificando-se que desde muito tempo almeja-se que o profissional da educação assuma seu papel de investigador de formas que possam dar significado ao aprendizado que se propõe ao aluno, percebe-se que o papel deste profissional é fator de suma importância em todo o processo de ensino-aprendizagem e por isso motivo de especial destaque.

3 Estratégias de ensino respeitando os estilos de aprendizagem do aluno

3.1 Ensino direcionado para suprir as necessidades individuais do aluno

Reconhecer a necessidade de fazer uma adequação do ensino às necessidades individuais dos alunos é, sem dúvida, um forte desafio que leva os educadores a um estudo bem apurado na resolução desta ampla questão e por isso complexa.

Coll e Miras (1996, p.362) discutido um trabalho de Cronbach (1967) dizem que este delimitou cinco propostas gerais utilizadas para o tratamento educativo das diferenças individuais, cuja presença pode ser detectada ainda, em maior ou menor medida, nos sistemas educativos. Que foram aprofundados nos pressupostos psicológicos que cada um deles implica.

O primeiro, o método seletivo, trata-se de uma maneira mais longa de se verificar o problema das diferenças individuais, considera as aptidões do aprendiz como ponto forte para que se atinja o objetivo educativo, é reconhecido pela forma estática de observância. Possui muita rigidez de conceitos, limitando um pouco as perspectivas do aprendiz.

O segundo, o método temporal, aparece de forma mais flexível, os aprendizes devem permanecer no sistema até que consigam alcançar seus objetivos, independente do tempo utilizado. Individualiza de maneira muito forte o tempo de exposição do aprendiz na aquisição do aprendizado.

O terceiro, o método de neutralização, afirma que o meio que os aprendizes estão inseridos é fator determinante para o seu aprendizado, podendo funcionar obstáculo. Por isso deve-se neutralizar as características

fortes destes ambientes de forma que não atrapalhem o aprendizado. Funciona como atenuante das diferenças sócias e dos abismos sócio-culturais.

O quarto, o método de adaptação de objetivos, trata-se de se direcionar desde o currículo até os objetivos como forma de suprir as necessidades particulares de cada indivíduo, devendo oferecer opções de situações a serem aprendidas para que possam ser escolhidas, respeitando as aptidões. Reflete uma visão também estática das diferenças individuais, senão for bem compreendido, situação que não se admite na sociedade contemporânea.

O quinto, a adaptação dos métodos de ensino, trata-se de assumir que não existe uma proposta que possa universalizar as necessidades de todos os alunos, uma vez que aqui se trata do individual, deve-se com ela procurar alcançar o máximo da perspectiva de aprendizagem e do respeito às características individuais dos alunos. É uma concepção interacionista.

Diante dos pressupostos expostos anteriormente, há que se criar uma forma de dizer que só uma informação precisa permitirá uma tomada de decisão coerente, no sentido de assumir que um aluno que apresenta uma característica determinada precisa obter um tratamento determinado e direcionado a sua situação, para que se possa alcançar o máximo nível de aprendizagem.

Não se trata aqui de se evidenciar somente a proposta que possa respeitar de forma mais contundente a individualidade de cada ser e sim de assumir que por melhor que seja o método, ou a forma de se ensinar ela só terá sentido se houver um prévio e amplo conhecimento do aprendiz e de sua realidade, porque se assim não correr serão inválidas todas as teorias.

3.2 Planejar: percepção das necessidades individuais

O ato de planejar serve como redutor das incertezas que aparecem na intenção de ensinar, porém não as elimina. Exerce influência em como os alunos irão aprender, pois serve para nortear os conteúdos a serão aprendidos, ou seja a maneira com eles serão repassados. Torna-se imprescindível um amplo conhecimento dos professores em relação aos seus alunos, como seus interesses, capacidades, expectativas e limitações. Planejar é um processo, por isso há que ser bastante criativo para torná-lo eficaz na realidade em que está inserido o ambiente educativo e ao público que representa o mesmo.

“Os educadores têm muitos desafios a enfrentar, tais como: descobrir a peculiaridade constitucional da criança; adivinhar, guiando-se por signos apenas imperceptíveis, o que se desenvolve na sua vida anímica, outorgando-lhe a justa medida de carinho e conservando no entanto a autoridade.” Freud (1933).

A preocupação de Freud com a “peculiaridade constitucional da criança” deve servir para se nortear o planejamento de ensino para que ocorra uma aprendizagem verdadeira, uma vez que quando se respeita as características intrínsecas do ser humano tende-se a compreendê-lo melhor e consecutivamente respeitá-lo em sua individualidade.

O planejamento para que se organize uma individualização do ensino, assume alguns pressupostos para que ocorra de forma satisfatória. Gagné apud Coll (1996) fundamenta seus critérios na noção de pré-requisitos, condições internas de aprendizagem ou habilidades subordinadas. Para o autor, o grau de domínio das habilidades subordinadas por parte do aprendiz, é o melhor preditor do êxito que pode ser esperado no processo de instrução, muito mais eficaz que o coeficiente intelectual ou outras características individuais. Ressaltava sempre que a instrução tinha que partir de onde os alunos estavam, para que possa fazer sentido e também ser compreendida. defendia a individualização como forma de se perceber a habilidade verbal individual, reconhecendo que a linguagem é importantíssima para a assimilação. A defesa que o ritmo de aprendizagem precisava ser

respeitado deixava claro que o autor achava imprescindível reconhecer às necessidades peculiares de cada indivíduo.

A aplicabilidade da teoria de Gagné apud Coll (1996) representa uma visão diferenciada do respeito à individualidade do aprendiz e isto denota que os critérios de avaliação enfatizados por ele também demonstravam a valorização da aprendizagem prática, onde o aluno pode demonstrar que consegue resolver problemas novos que requeiram o emprego de estratégias desenvolvidas no seu processo de aprendizagem. Assim sendo o aprendiz assume uma postura ativa no seu processo de aprendizagem, tornando-se responsável direto e não mais um mero expectador de tudo que o cerca.

Deve-se, então, direcionar o processo do planejamento objetivando perceber as necessidades específicas do público a que se destina este trabalho, para que se obtenha um resultado que tenha aplicabilidade satisfatória, deixando de ser mero documento formal para se tornar realidade vivenciada.

3.3 Aprendizado escolar contextualizado: uma estratégia valorosa

Quando se observa uma formação escolar voltada para o contexto de “mundo real” dos aprendizes percebe-se que os mesmos conseguem inserir em sua realidade aquilo que estão se deparando na escola e por isso vão dando significado e vão formalizando seu conhecimento. Não se concebe mais ficar apenas no trabalho de ensinar a abstrair o pensamento, se no cotidiano os objetivos são bem claros e concretos. Por isso, faz-se fundamental instigar habilidades nos alunos que possam torná-los capazes de sobreviver na sociedade competitiva em que estão inseridos.

A realização do confronto do aprendizado que se possui com o aprendizado novo que se depara, faz com que a aprendizagem seja significativa e notória uma vez que ganha o sentido através desta relação

criada, onde o aprendiz consegue dar significado ao que o cerca, porém há que se ressaltar que esta situação, não é inata e sim aprendida.

Considerar que o que se aprende pode e deve sempre ter sentido é colocar o aprendiz no “comando” da intencionalidade do que está aprendendo e por isso deixa-lo ciente de que a sua postura precisa ser crítica e também comprometida, para que se torne reveladora de suas habilidades.

Vale ressaltar que no momento em que os profissionais da educação conseguirem despertar em suas vivências uma prática contextualizada e por isso motivadora, assumirão o seu papel com muito mais coerência, tendo portanto uma visão mais abrangente e ao mesmo tempo focada no único ideal de que todos podem aprender, cada um respeitando a sua organização interna, mas com o objetivo em comum: o de viverem bem e serem aceitos no grupo em que estão inseridos.

Conclusão

Através deste trabalho constatou-se que considerar as Diferenças Individuais de Aprendizagem como um ponto que merece destaque no âmbito educacional, pode fazer com que o olhar dos profissionais da área evidencie não só as técnicas a serem aplicadas, mas também uma visão humanística das peculiaridades no aprendizado de cada aluno.

O funcionamento interno de cada indivíduo exerce papel relevante na construção de seu aprendizado e também na sua forma de socialização, uma vez que considera-se a personalidade, o temperamento, a motivação e a inteligência como pontos fortes que identificam a marca individual do ser humano.

Os estilos de aprendizagem aparecem como forma de marcar a unicidade do ser humano, o que faz com que cada um aprenda de um jeito, sendo relevante as influências dos estilos de ensino.

A preocupação em adequar o ensino às necessidades intrínsecas do aluno proporciona um diferencial valioso no processo ensino-aprendizagem, com suas estratégias e formas de planejamento que respeitem os estilos de aprendizagem.

Verifica-se que quando ocorre a determinação em se trabalhar com as diferenças no processo de aprendizagem, de modo a construir “pontes” que oportunizem e não “muros” que segreguem, pode-se acreditar que cada ser humano tem condição de alçar “vôos” magníficos capazes de levá-lo a tão cobiçada realização pessoal.

Bibliografia

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. 7. ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

COLL, César; PALÁCIOS, Jesús; Masrchesi, Álvaro (Org). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. Organizado. Tradução Angélica Mello Alves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Volume 2.

Gardner, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

Woolfolk, Anita E. **Psicologia da educação**. Tradução Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.